

CARPEAUX, Otto Maria. *A literatura alemã*, São Paulo, Nova Alexandria, 2ª ed., 1994.

ZMEGAC, Viktor et al. *Geschichte der deutschen Literatur. Von den Anfängen bis zur Gegenwart*, Königstein/Ts., Scriptor Verlag GmbH, 1981.

## FRANZ KAFKA: RAÍZES

George Bernard Sperber\*

**Abstract:** This text attempts to follow the roots of Franz Kafka's works, looking for them in different concentric and excentric circles. A first and narrow circle is made up of Kafka's family, with the domineering figure of the authoritarian father. A second and wider circle is that of the Jews in Prague, condemned to a position of outsiders. This condition is also that of the third and still wider circle, that of the German speaking population of Prague at the beginning of the century. The roots that emerge from these circles are conditioning factors for Kafka's own position as an outsider, but at the same time they enable him to take on the role of the poet as prophet.

**Zusammenfassung:** Der Text versucht den Wurzeln des Schaffens Franz Kafkas nachzugehen, und sucht diese in verschiedenen, konzentrischen und exzentrischen Kreisen. Ein erster und enger Kreis ist der der Familie Kafkas, mit der vorherrschenden Figur des autoritären Vaters. Ein zweiter und weiterer Kreis ist der des Prager Judentums, mit dem ihm auferlegten Außenseitertum, das auch den dritten und noch breiteren Kreis bedingt, und zwar den der deutschsprachigen Bevölkerung Prags am Anfang des Jahrhunderts. Die aus diesen Kreisen sprießenden Wurzeln bedingen das Außenseitertum Kafkas, befähigen ihn aber auch die Rolle des Dichters als Propheten zu übernehmen.

**Palavras chave:** Literatura moderna em língua alemã; Franz Kafka; Raízes de sua obra; Família; Judaísmo; Alemão como língua de minoria.

Creio que foi Jorge Luis Borges quem disse que poucos homens conseguem ser contemporâneos de seus tempos. Certamente, porém, os verdadeiros "extemporâneos" são mais instigantes em cada época do que os seus legítimos "contemporâneos".

O adjetivo "extemporâneo", quando aplicado a Franz Kafka, revela sua problematidade. Se ele quiser qualificar alguém como estando

---

\* O autor é professor doutor do Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP.

“fora de seu tempo”, ou seja, não coincidindo com as características mais gerais da época em que viveu, ele serve para a obra de Franz Kafka se ela for considerada profética, isto é, se lermos em seus textos previsões de situações e acontecimentos que vieram a ocorrer após a morte de seu autor. Uma tal leitura permitiria entender a obra de Kafka como uma utopia negativa, como uma complexa alegoria, composta de muitas peças e facetas. Alegoria referente aos horrores dos totalitarismos das décadas de 30 e 40 deste século, se considerada num contexto coletivo; ou alegoria referente ao horror cotidiano da existência individual, num mundo familiar e privado, marcado pelo totalitarismo particular da burguesia patriarcal. É claro que, neste segundo caso, não se poderia falar em profecia e, portanto, também não em extemporaneidade.

Talvez haja outras palavras, parentes semânticas desta, que possam ser aplicadas a Franz Kafka sem invocar a mencionada problematidade. Ocorre-me o substantivo alemão *Außenseiter*, que tem sido usado em português na sua tradução inglesa de *outsider*, provavelmente para evitar a ambigüidade de sua tradução mais próxima: marginal.

Franz Kafka foi, em mais de um sentido, um marginal. Nascido em 1883 numa família da burguesia judia ascendente de Praga, estava fadado por essas mesmas circunstâncias, por suas raízes, a ser considerado (e a, eventualmente, considerar-se a si mesmo), como um marginal.

Praga, capital da então província da Boêmia, uma das muitas do Império Austro-Húngaro, não era o centro desse império, não era a sua capital. Os judeus também não estavam, certamente, no centro da sociedade com a qual conviviam, mas constituíam uma minoria alvo de preconceitos, discriminações e perseguições. A língua alemã, que já o pai de Franz Kafka adotara como sinal e prova de sua ascensão social, não era a língua da maioria dos habitantes de Praga, a qual falava o tcheco, e era, além do mais, a língua dos dominadores austríacos.

Pode-se dizer, pois, que as raízes em que Franz Kafka se alimentava culturalmente surgiam do meio de um conjunto de círculos simultaneamente concêntricos e excêntricos. Concêntricos, na medida em que as suas influências se somavam; excêntricos, na medida em que se referiam a minorias marginalizadas e a minorias dentro destas minorias.

O mais estreito dos círculos de influência em que Franz Kafka tinha fincadas suas raízes foi o de sua família. Aquilo que a pesquisa encontrou quanto à estrutura e funcionamento dessa família a mostrou como “normal” para os padrões da época – no que este adjetivo pode significar de bom e de ruim. O pai de Franz Kafka era um pequeno comerciante, dono de uma loja de artigos para presentes em Praga, e considerava esta sua posição sócio-econômica uma conquista, uma ascensão na escala social, pois que seus antepassados haviam vivido em condições bem mais modestas, na região rural, exercendo profissões mais humildes: açougueiro, cervejeiro. O processo de ascensão social da família Kafka inseria-se na evolução dos judeus da Europa central, a partir do momento de sua “emancipação”, durante o auge do Iluminismo. Aliás, foi a imperatriz Maria Teresa quem, no início deste processo, obrigou as famílias judias a adotarem sobrenomes. Naquela época deve ter surgido o nome “Kafka” (gralha, em tcheco), um dos muitos nomes de pássaros que viraram sobrenomes judeus – como “Sperber” (gavião, em alemão).

Nas primeiras décadas do século XX, os judeus urbanos no Império Austro-Húngaro haviam acelerado o seu processo de assimilação à sociedade cristã que os rodeava, no afã, entre outras coisas, de não chamarem a atenção para as suas diferenças e assim fugirem de preconceitos e perseguições.

Franz Kafka chegou a lamentar o grau de assimilação a que seu pai havia chegado, e criticou, na **Carta ao Pai** (escrita em 1919, nunca enviada a seu destinatário e publicada postumamente em 1952), o fato de o pai não lhe haver transmitido “nada de judaísmo” e de ser, no fundo, um hipócrita do ponto de vista religioso, pois cumpria apenas com os rituais mais importantes, e isto, sem convicção. Antes, porém, de ir adiante neste aspecto do judaísmo, o segundo e mais amplo círculo de influência em que Franz Kafka fincou suas raízes, é necessário lembrar que foi no círculo familiar que se originaram alguns dos traumas mais profundos que marcaram a vida espiritual de Franz Kafka. O pai foi, segundo todas as fontes exteriores à obra de Kafka e segundo a **Carta ao Pai**, um patriarca onipotente que cometeu graves erros na educação dos filhos, especialmente na de Franz, devido à sua incapacidade de penetrar nos sentimentos dos outros e de a estes reagir, e devido à sua falta de autocrítica.

Aliava-se a isto uma tirânica e contraditória exigência de obediência irrestrita e de independência de seus filhos. Houve quem visse na relação entre pai e filho, tal como descrita na **Carta ao Pai**, uma “ordem patrimonial integralmente perversa”. Portanto, anormal.

Seja qual for a avaliação deste contexto familiar, o certo é que ele não representava uma exceção na ordem interna das famílias burguesas da época e que ela não bastaria, de per si, para explicar a vida e a obra de Franz Kafka. Evidentemente há reflexos claros dessa situação nos primeiros textos de Kafka, certamente em **Das Urteil** (A Sentença, ou A Condenação, ambas as traduções são válidas), texto escrito em 1912 e publicado na revista *Arcadia* em 1913. Aqui o tema é claramente o do conflito entre pai e filho. Este sofre com a frieza dos sentimentos do pai e chega até a nutrir o desejo de matá-lo, mas acaba sendo condenado por aquele à morte por afogamento. O filho assume a culpa, aceita a condenação e executa a sentença.

Nesta narrativa, em que o mundo onírico se funde com o real, criando como que uma nova realidade em que o impensável se torna possível, foram vistas influências do expressionismo, então em voga no espaço lingüístico alemão. Esta observação não leva, contudo, muito longe, pois a obra de Kafka não se esgota nesta rotulação, que não cabe, por exemplo, a boa parte de seus textos posteriores.

A consideração da temática familiar como chave para a leitura da obra de Kafka implica uma visão psicanalítica, que se torna crescentemente problemática também, na medida em que se consideram seus textos posteriores.

Mais ricas são, a meu ver, as relações que se podem fazer a partir do que chamamos de segundo círculo de influência, o judaísmo. Não é o caso de alongarmos aqui sobre a história complexa e trágica dos judeus na Europa Central, que iria culminar no horror do holocausto nazista, mesmo que vários textos de Kafka dêem lugar a interpretações sob esta chave, tomando-os premonitórios, visionários, proféticos. Talvez caiba, neste contexto, chamar Franz Kafka de profeta bíblico moderno, pois é apenas nos textos dos profetas bíblicos que se encontram visões comparáveis às de Kafka em força e cruel beleza.

Contudo, é o caso de lembrarmos detalhes da vida e da obra de Kafka que reforçam a tese da forte influência, da determinação profunda que as suas raízes judaicas, o seu ser judeu significou para Kafka.

Uma das características da assimilação dos judeus, na época, foi a de evitar o uso do ídiche como língua de conversação. Tanto maior foi a indignação do pai de Kafka quando este mostrou, em determinada época, interesse e até mesmo amizade por um grupo teatral itinerante de língua ídiche que conheceu em Praga. Tanto maior ainda deve ter sido, talvez, a sua estranheza quando o filho demonstrou interesse pelo sionismo e começou a aprender o hebraico em sua versão moderna, o *ivrit*, que seria a língua oficial do Estado de Israel.

Mas o interesse de Kafka pelo judaísmo não se manifestou apenas, como poderia parecer até aqui, enquanto vontade de contrariar o pai naquilo que mais profundamente poderia feri-lo. Manifesta-se também em sua obra, com maior ou menor clareza, de um texto para outro.

Toda uma série de seus intérpretes (ousaria até dizer, no caso, “exegetas”) lêem, por exemplo **Josefina a Cantora ou o Povo dos Ratos** (aparentemente escrito pouco antes da morte do autor, em 1924) como alegoria dos judeus e de suas tentativas inquietantes de aprender o hebraico (a nova canção), ou lêem **Investigações de um Cachorro** como retrato grotesco das desavenças entre as diversas tendências existentes dentro da comunidade judaica. Uma leitura do romance **O Processo** (escrito entre 1914 e 1915 e publicado postumamente em 1925) sob a ótica do judaísmo transforma a obra numa premonição individualizada do holocausto, pois Josef K. é julgado, condenado e executado devido a uma culpa de que ele não pode ter consciência, uma culpa inata, consubstancial, semelhante à “culpa” que levou os judeus europeus a seu extermínio. Em menor escala, **Na Colônia Penal** (escrito em 1914 e publicado em 1919) também pode ser lido como antevisão das torturas a que os judeus seriam submetidos e, até mesmo, de sua submissão e prontidão para o suplício. Mesmo **O Castelo** permite uma leitura sob o ponto de vista do judaísmo. Aqui se trataria de uma alegoria dos mistérios da religião, da inescrutabilidade da vontade divina; em última instância, da impossibilidade de o ser humano penetrar no reino incompreensível da

graça. Thomas Mann viu nesta obra de Franz Kafka a posição de um "humorista religioso", por não apresentar o incomensurável, o incompreensível do mundo superior com grandes superlativos, mas com o linguajar de uma burocracia mesquinha, tenaz, inatingível, intocável.

Esta observação nos leva a evocar entre os círculos de influência na obra de Kafka a burocracia. Ele próprio um burocrata (estudou Direito de 1901 a 1906 e trabalhou no Instituto de Seguros contra Acidentes de Trabalho, uma entidade pública, a partir de 1908), Kafka deve ter vivido quotidianamente os avatares da burocracia austro-húngara que foi, a bem dizer, o último sustentáculo do império durante a sua *apocalypse joyeuse*. E é também uma burocracia quem condena o bancário Josef K. à morte ou frustra as iniciativas do agrimensor K.

Maior influência, porém, devem ter exercido as raízes lingüísticas alemãs. O círculo dos escritores de Praga que usavam o alemão é extenso e inclui, entre outros, Rainer Maria Rilke. Aliás, existiu uma variante do alemão culto, o *Prager Deutsch*, que se manifesta em Kafka nas frases curtas, na hipostase, na linguagem concisa e concreta, que entra em detalhes aparentemente supérfluos nos relatos.

## **BERLIN ALEXANDERPLATZ, ROMANCE DE VANGUARDA**

*Celeste H. M. Ribeiro de Sousa\**

**Abstract:** Alfred Döblin is a theorist of German *Expressionismus* and of the epic novel. In *Berlin Alexanderplatz*, he shows the theories of his essay *Der Bau des epischen Werks* (The construction of the epic work) in practice. The present paper analyses the following aspects of the novel:

- 1) the development of the plot,
- 2) the structure,
- 3) the language,
- 4) the function of time,
- 5) the space of the city,
- 6) the narrator,
- 7) the characters.

**Zusammenfassung:** Alfred Döblin ist ein Theoretiker des Expressionismus und auch ein Theoretiker des epischen Romans. In seinem Roman *Berlin Alexanderplatz* zeigt er die theoretischen Forderungen seines Essays *Der Bau des epischen Werks* in der Praxis. Der vorliegende Aufsatz untersucht die folgenden Aspekte des Romans:

- 1) die Entwicklung der Handlung,
- 2) die Struktur,
- 3) die Sprache,
- 4) die Funktion der Zeit,
- 5) den Raum der Großstadt,
- 6) den Erzähler,
- 7) die Figuren.

**Palavras-chave:** Alfred Döblin; Romance de montagem; Vanguarda; *Berlin Alexanderplatz*.

---

\* A autora é professora doutora do Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP.